



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARIA AUBERLANE DO NASCIMENTO LIMA**

**A MORTE E A FESTA DE UM LÍDER: ESTRATÉGIAS DE  
CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO RONALDO CUNHA LIMA**

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

**MARIA AUBERLANE DO NASCIMENTO LIMA**

**A MORTE E A FESTA DE UM LÍDER: ESTRATÉGIAS DE  
CONSTRUÇÃO DO MITO POLÍTICO RONALDO CUNHA LIMA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Graduada.

**Orientador:** Prof. Dr. José Adilson Filho

L732m Lima, Maria Auberlane do Nascimento  
A morte e a festa de um líder [manuscrito] : estratégias de  
construção do mito político Ronaldo Cunha Lima / Maria  
Auberlane do Nascimento Lima. - 2014.  
36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de  
História".

1. História da Paraíba 2. Ronaldo Cunha Lima - Político 3.  
Mito Político 4. Liderança Política 5. Funeral I. Título.

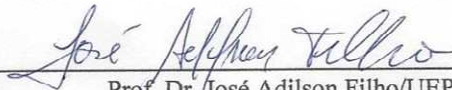
21. ed. CDD 981.33

MARIA AUBERLANE DO NASCIMENTO LIMA

**A MORTE E A FESTA DE UM LÍDER: ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO  
DO MITO POLITICO RONALDO CUNHA LIMA**

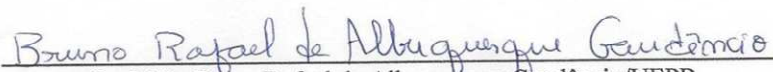
Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de graduada.

Aprovada em 04/12/2014.



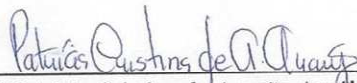
---

Prof. Dr. José Adilson Filho/UEPB  
Orientador



---

Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/UEPB  
Examinador



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo/UEPB  
Examinadora



## AGRADECIMENTOS

Este é um momento muito importante da minha monografia, é onde eu posso tentar reconhecer e mostrar gratidão a todos que me ajudaram não só a fazer este trabalho, mas os que passaram e alguns que ainda estão fazendo parte da minha vida. O meu muita obrigada sem vocês eu nada poderia chegar a lugar algum.

Agradeço a minha mãe Gertudes, mulher forte e guerreira. Assim como ao meu pai, Antônio (in memória), por tudo que juntos vivemos hoje me resta a saudades.

Dedico a meus quatro irmãos, Acioly, Alcidemir, Amistênio e Alisson pela alegria de poder ter dividido boa parte da minha vida com vocês e pelo apoio dado em todos os momentos da minha vida.

Devoto a minha gratidão também aos queridos amigos que conquistei durante o curso de História: Mere Fires, Thuca Kércia, Dayane Sobreira, Glauber Paiva e Leandro Diniz, os agradeço por tornarem as minhas manhãs mais leves e divertidas.

As minhas primas-irmãs, Núbia Teixeira e Tamiris Teixeira por serem minhas incentivadoras.

À Samy Medeiros e Rafael Vital por terem me ajudado a colher materiais para esta pesquisa.

Agradeço também aos meus (minhas) amigos (as), Taynã Valentim, Kaline Costa, Ana Claudia, Jadson Vieira e Cezar Silva que, direto ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

A minha tia Maria José por te me recebido em sua casa durante quatro anos e a tia Geralda por me recepcionar também, durante um ano, vocês foram de fundamental importância para que eu frequentasse a universidade.

Agradeço gentilmente ao professor José Adilson Filho que disponibilizou o seu tempo e aceitou a orientar-me. A ele ficam o meu respeito e admiração.

Por fim, a todos os professores e funcionários da UEPB, que de alguma forma contribuíram na minha trajetória acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de adoecimento do líder político Ronaldo Cunha Lima, e a construção do mito político a partir de sua morte que ocorreu no dia 07 de julho de 2012, o foco principal dessa escrita, concentra-se na análise de sua morte e seu velório no Parque do Povo, com isso, tentamos apreender os sentidos e significados sociopolíticos subjacentes ao referido fato. Observando o cenário, os atores e sua ritualística, as narrativas e imagens elaboradas sobre a morte, ter-se-á melhores condições para perceber algumas estratégias desenvolvidas por familiares e aliados para a sua consagração como mito político paraibano. Nosso trabalho se insere teoricamente no enfoque da Nova História Política, por isso nos apropriamos das análises de, BURKE (2009) e BLOCH (1993), para capitarmos o papel das representações e a força do imaginário na construção e legitimação do poder político e em GIRARDET (1987), buscamos compreender como modelo de representação política do líder e em BALANDIER (1982), observar as estratégias de teatralização do poder. E para costurar essa narrativa foram usadas as seguintes fontes, alguns jornais, imagens, sites locais e uma entrevista feita com a viúva do ator político, Dona Glória Rodrigues Cunha Lima para analisar como estes contribuíram discursiva e imagetivamente para a consagração e legitimação do morto num mito.

Palavras-chave: Ronaldo Cunha Lima, Morte, ritualística, consagração.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the disease process of the political leader Ronaldo Cunha Lima, and the construction of political myth from his death that took place on July 7, 2012, the main focus of this paper, focuses on the analysis of his death and his funeral at the Parque do povo, with it, trying to learn the meanings and socio-political meanings underlying that fact. Observing the scene, the actors and their ritualistic, narratives and elaborate images of death, will have better conditions to realize some strategies developed by relatives and allies for his consecration as Paraíba political myth. Our work is theoretically part in the New Political History focus, so we appropriate the analysis of, Burke (2009) and Bloch (1993), to understand the role of representations and the imaginary strength in construction and legitimation of political power and GIRARDET (1987), we understand as a model of political representation leader and Balandier (1982), observe the dramatization strategies of power. And to sew this narrative were used the following sources, some newspapers, images, local sites and an interview with the widow of the political actor, Dona Gloria Rodrigues Cunha Lima to analyze how these discursive and imagetically contributed to the consecration and legitimation of a dead myth.

Keywords: Ronaldo Cunha Lima, Death, ritualistic, consecration.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 TRAJETÓRIA POLÍTICA A “ARTÍSTICA” DE RONALDO CUNHA LIMA .....</b>	<b>11</b>
1.1 Caminhos e Cenários Políticos .....	11
1.2 As Faces e Facetas da Trajetória do Poeta-Político .....	13
<b>2 A MORTE E A FESTA: “PARQUE DOPOVO, TEATRO A CÉU ABERTO” .....</b>	<b>20</b>
2.1 Comoção Popular .....	20
2.2 Parque do Povo: “O Eterno Palco” .....	22
2.3 A Veia Política .....	26
2.4 Espetacularização da Festa: A Fabricação do “Maior São João do Mundo” .....	27
2.5 “O Espetacular Dia do Fico” .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho terá como propósito tecer uma narrativa alusiva ao ator político Ronaldo José Cunha Lima, vislumbrando sua trajetória política, suas manobras de manutenção e consolidação de poder do grupo Cunha Lima, tomando por causa o poder exercido por essa família na cidade de Campina Grande (PB), assim como em todo Estado paraibano. Buscamos ainda nos ater sobre em que lastro fundamenta-se esse poder político.

Assim sendo, encontramos o Parque do Povo, local de realização do “Maior São João do Mundo”, criado na gestão de Ronaldo José da Cunha Lima, enquanto prefeito do município de Campina Grande, cuja utilização vai além da promoção da festa, o espaço serve também para a promoção do gestor municipal, servindo então como um grande teatro a céu aberto, utilizam dele para a promoção e teatralização do seu poder, e Ronaldo Cunha Lima, assim como seus aliados e grupo familiar fizeram.

Ao narrar a trajetória política desse ator, vislumbraremos também sua relação dinâmica com a construção do Parque do povo e a fabricação do “Maior São João do Mundo”, que será palco dos festejos juninos, mas também das artimanhas políticas de Ronaldo Cunha Lima e daqueles que, sob outras administrações, serviram para a espetacularização da política. Discutiremos, portanto, o uso da festa como locus de produção e encenação política.

Nossa narrativa terá como principal objetivo analisar a construção do mito político de Ronaldo Cunha Lima, a partir de sua morte, que ocorreu no dia 07 de julho de 2012. Em 2013 teve o calendário do término do “Maior São João do Mundo”, propositalmente alterado para a comemoração de primeiro aniversário de morte. A relação entre a festa e a morte tem por excelência o cenário do Parque do Povo, compondo o processo de ritualização e desmitificação do ator político. Houve outro cenário para a despedida, o Palácio da Redenção, em João Pessoa, porém a relação de José Ronaldo da Cunha Lima com o Parque do Povo é mais intensa, teatral, dramática, porque o espaço foi idealizado e construído durante seu segundo mandato, enquanto prefeito de Campina Grande entre 1983 a 1988.

Com a morte de Ronaldo Cunha Lima a figura do poeta é exaltada, e as narrativas que são midiáticas sobre a figura de Ronaldo Cunha Lima enfatizam a sua “docilidade poética”, a sua imagem de “bom pai”, “bom político”, descrevendo assim suas virtudes, pois o movimento agora é de construir uma “memória limpa” sobre o poeta, sem enfatizar seus escândalos políticos, a exemplo do caso Gulliver, o atentado a Tarcísio Miranda Burity.

Enfatizaremos no movimento de consagração e fabricação do mito Ronaldo Cunha Lima em narrativas que o desenham a partir de sua morte, em 07 de julho de 2012, tendo o

grupo Cunha Lima como principal fabricante da imagem mito do poeta, em especial seu filho, Cássio Cunha Lima, tido como principal herdeiro político do poeta. Vislumbraremos o espaço escolhido para a despedida do poeta: Parque do Povo, lócus de espetáculos políticos. Esta pesquisa ancora-se teoricamente no enfoque da Nova História Política (Rémond *et al.*, 1996), cuja perspectiva é notadamente diferente e ousada em relação à velha história política crucificada pelos Annales como historicizante, factualista, superficial e elitista (BURKE, 1994, DOSSE, 1995).

A nova abordagem sobre a trama política dos homens e das mulheres insere uma concepção mais ampla de poder, de fontes, métodos e sujeitos. Esse *aggiornamento* deve-se, em parte, às contribuições críticas dos Annales, mas principalmente à importância dada à política, ao acontecimento, à narrativa e ao tempo presente e imediato pelo pesquisador, e à sociedade de um modo geral. Essa modernização da história política passa pelo diálogo interdisciplinar com a Sociologia, a Semiótica, a Antropologia, a Ciência Política, a Comunicação Social e a Literatura. A partir desses cruzamentos os historiadores passam a instrumentalizar os seus conceitos para ver as tramas políticas através das lentes da cultura política, do poder simbólico, do imaginário social, das representações e do cotidiano, das práticas econômicas, artísticas, midiáticas, enfim, a partir de uma multiplicidade de aspectos.

Para conseguirmos fazer uma leitura sobre nosso objeto de estudo, além do campo de pesquisa no qual nos debruçamos, a exemplo de jornais, revistas eletrônicas, sites, redes sociais em que buscamos interrogá-los, já dizia L. Fèvbre, a parte mais apaixonante do historiador é fazer falar as coisas mudas. Então, ao colocar-nos enquanto “vasculhadores” da história em busca de novas narrativas capazes de responder nosso questionamento, o caminho teórico usado para entendermos a construção do “espetacular” Ronaldo José da Cunha Lima, usaremos durante nossa construção narrativa a obra *A Fabricação do mito João Pessoa: Batalha memórias na Paraíba*, do autor José Luciano Queiroz Aires, fruto de uma dissertação de mestrado Publicada em 2013, que discutiu como a criação de mito político, como vencedores da Revolução de 30 no Brasil e na Paraíba transformaram a figura de João Pessoa em mártir político, construindo-se no imaginário popular enquanto mito salvador.

Assim, perscrutando discursos, imagens e práticas, será possível compreender como se estabelece a legitimidade e a consagração de um ator político a partir da sua interface com os mais variados grupos sociais. Vale destacar que o personagem objeto de nosso estudo foi o principal líder de um grupo político na Paraíba, há décadas mantendo-se hegemônico na cidade de Campina Grande e no estado da Paraíba, ocupando os cargos políticos mais importantes. Tanto o velho líder como o seu filho, o ex-governador e atualmente senador

Cássio Cunha Lima, são simplesmente adorados por seus eleitores e correligionários. Entender essa forma passional de vivenciar a política também se constitui, em certo sentido, por demais relevante para a academia e a sociedade.

Utilizamos como fontes alguns jornais e sites locais para analisar como estes contribuíram discursiva e imagetivamente para a consagração e legitimação do morto num mito. Fizemos ainda o uso de imagens analisando seus contextos, parafraseando a Professora Dr.<sup>a</sup> Iolanda Barbosa: o uso performático das mesmas observando como a mídia comporta-se diante da morte de Ronaldo, quais são as descrições e narrativas deferidas por elas, como os autores políticos do grupo Cunha Lima fabricam a imagem do morto nos meios de comunicação, exaltando a figura poética e encantadora do político.

Nesse sentido, estamos apropriando-nos das análises de Peter Burke a respeito da “fabricação da imagem pública do rei Luís XIV”, na qual procura mostrar como, através das representações, tentou-se construir e legitimar o poder do “rei sol” na França. Na mesma linha de raciocínio, dialogamos com Marc Bloch, que no seu livro clássico “Os reis Taumaturgos” empreende uma análise sobre a crença no poder milagroso do toque real. Em ambos nos interessa captar o papel das representações e a força do imaginário na construção e legitimação do poder político. Além destes, são úteis as contribuições de Raoul Girardet (Mitos e mitologias políticas) e Georges Balandier (O poder em cena) para, no primeiro caso, compreender como modelo de representação política e sua estratégia de teatralização.

# 1. TRAJETÓRIA POLÍTICA E “ARTÍSTICA” DE RONALDO CUNHA LIMA

## 1.1 Caminhos e Cenários Políticos

Ronaldo José da Cunha Lima nasceu na cidade de Guarabira, em 18 de março de 1936. Em dezembro de 1937, seu pai Demóstenes Cunha Lima foi nomeado prefeito de Araruna pelo interventor Argemiro de Figueiredo, e a sua família mudou-se para o município, onde Ronaldo Cunha Lima passou maior parte de sua infância, no sítio Cacimba do Gado. Em 1940 seu pai foi exonerado do cargo, com a mudança do interventor que fora substituído por Rui Carneiro.

A infância em Campina Grande foi marcada pelo falecimento do seu pai, em 1945, que era o incentivador de sua veia poética. Ronaldo Cunha Lima teve de trabalhar para ajudar a mãe, Francisca Bandeira da Cunha Lima (Nenzinha Cunha Lima) que, desde então, assume a função de provedora da família, composta por onze filhos: Aluísio, Ronaldo, Lúcio, Fernando, Ivandro, Zélia, Roberto, Marta, Maria José, Renato e Terezinha; indo buscar ocupação remunerada para os filhos mais velhos, entre eles Ronaldo José Cunha Lima que, para ajudar no sustento da casa e para custear os estudos, vendeu jornais, foi garçom e trabalhou em cartório. Além de organizadora do ordenamento familiar, Dona Nenzinha Cunha Lima se tornará uma figura importante na orientação e incentivo ao envolvimento do jovem Ronaldo José Cunha Lima, junto com os irmãos Ivandro e Fernando, em atividades políticas, e posteriormente na organização das campanhas políticas, disputadas por Ronaldo a partir da década de 1960 (SILVA, 2009 apud MELLO).

Ronaldo José Cunha Lima obteve, portanto, a maior parte de sua formação escolar na cidade de Campina Grande, no Colégio Pio X e no Colégio Estadual da Prata. Formou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. O político foi dono de uma extensa trajetória política, marcada por laços que o sedimentam na cidade de Campina Grande, reduto de suas principais encenações políticas, tendo início em 1959, quando se elege como vereador<sup>1</sup>, em 1962 foi eleito<sup>2</sup> deputado estadual, e em 1966 foi reeleito.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Elege-se com 942 votos, ficando em segundo lugar na legenda do Partido Trabalhista (PTB).

<sup>2</sup> Eleito o deputado mais votado, com 3.769 votos.

<sup>3</sup> Foi mais votado de Campina Grande, com 5.106, e da Paraíba com 8.871 votos.



Em 1969 chegou ao cargo de prefeito da cidade, porém teve seu mandato cassado, só retornando ao cenário político para concorrer à eleição novamente para prefeito em 1982, após ter passado cerca de doze anos fora do cenário político. No ano de 1990, elege-se governador da Paraíba, cargo deixado em 1994 para concorrer ao Senado Federal, em que foi eleito. E em 2002 foi eleito deputado federal.

Com problemas de saúde desde 1999, quando sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC), Ronaldo José Cunha Lima ainda permaneceu alguns anos na vida pública, e deixou a Câmara Federal em 2007, renunciando ao mandato de Deputado Federal para evitar uma possível condenação pelo Supremo Tribunal Federal (STF), ainda decorrente do episódio no qual havia baleado Tarcísio Burity<sup>4</sup>. Vejamos o “espetáculo da renúncia” promovido pelo ator político por meio de carta, lida em plenário pelo líder do PSDB na Câmara, Antônio Carlos Pannunzio.

À Paraíba, a que dediquei toda a minha vida, entrego meu destino. A Paraíba me julgará, soberanamente, através de seu Tribunal do Júri. Agradeço aos paraibanos a confiança de mais um mandato, do qual me despeço com a proclamação explícita de homenagem à Justiça e ao Tribunal do Júri Popular. Em todas as tribunas que a vida me permitir, continuarei entoando meu mais profundo respeito ao Parlamento brasileiro e a minha mais profunda convicção de que a imunidade parlamentar, com todos os seus desdobramentos, deve resguardar exclusivamente atos relativos ao exercício do mandato. Com os meus mais sinceros agradecimentos, e em sinal de coerência, Ronaldo Cunha Lima, agora apenas brasileiro com muita esperança. “E paraibano, com muito orgulho” (G1GLOBO.COM, de 31/10/2007)<sup>5</sup>.

A manobra jurídica feita por Ronaldo José da Cunha Lima, ao deixar de exercer o cargo federal, fez o processo voltar para a Justiça da Paraíba e ser retomado do zero. Porém sua narrativa na carta de renúncia, no ato fictício de “coragem” com que ele disserta “A Paraíba a imunidade parlamentar e todos seus desdobramentos, deve resguardar exclusivamente atos relativos aos exercícios do mandato”. Conforme Girardet (1987, p. 38),

Assim uma gigantesca rede de controle e de informações estende-se sobre o conjunto de corpo social. Primeiro objetivo visado, o poder político permanece, evidentemente, o terreno privilegiado daquilo que não pode deixar de aparecer como um empreendimento sistemático de investida e manipulação.

Na carta o ator manipula a sua saída da cena política e lhe dá um sentido de que “o julgamento na verdade está nas mãos do povo”, encobrindo assim a sua astúcia, ora silenciada ou

---

<sup>4</sup> Em 05 de novembro de 1993, por volta das 14h, o então governador Ronaldo Cunha Lima, alcoolizado, adentra no Restaurante Gulliver em João Pessoa e dispara três tiros contra o ex-governador Tarcísio Burity, acertando dois tiros em sua face.

<sup>5</sup> G1GLOBO.COM. 2007. **Por carta Cunha Lima diz que sobre após ter baleado rival**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL165113-5601,00.html>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

evidenciada pela narrativa que melhor preencha suas ações. Como seu imenso capital político construído ao longo de carreira, certamente Ronaldo Cunha Lima sabia que ao ser julgado pela justiça paraibana teria melhores condições de ser inocentado. Mas a performance política desse ator traduziria para o povo paraibano a responsabilidade pelo seu julgamento. E ele terminou morrendo antes de vir a sofrer qualquer penalização da justiça paraibana.

## 1.2 As Faces e Facetas da Trajetória do Poeta-Político

O desenvolvimento político de Ronaldo José da Cunha Lima e dos seus irmãos Ivandro e Fernando teve uma grande influência a partir do movimento estudantil campinense em 1950, a ponto de ser reaberto o Centro Estudantil Campinense, no qual Ronaldo assumiu o cargo de vice na presidência do Centro. Já no final da década de 50 o líder político filia-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a convite de Newton Rique, para disputar sua primeira eleição no Legislativo para o cargo de vereador, com isso Ronaldo recebe o apoio da classe estudantil, elegendando-se em 1959 (LIMA, 2009).

A participação dos meios midiáticos nas Campanhas políticas na década de 1960 em Campina Grande beneficiava os candidatos da Arena, assim como Silva (2009, p. 11-12) afirma:

Na década de 60, já existiam em Campina Grande, como palco da *performance* de RCL, rádios AM e um jornal de circulação local, o Diário da Borborema. Esses meios de comunicação já participavam do processo eleitoral por meio de programas e matérias pagas que veiculavam a propaganda dos candidatos aos pleitos municipais; porém, o acesso de Ronaldo a estes meios, desde as suas campanhas para Deputado Estadual em 1962 e 1966, era limitado, já que havia um comprometimento da mídia com os candidatos da ARENA, após a instituição do bipartidarismo em 1965.

Sem um meio de comunicação para promover-se politicamente, e com o advento na vida pública, a sua “veia artística” é cada vez mais explorada. Os versos serão artifícios que vão compor o ator político, que usa destes em suas encenações durante os comícios. Assim como nas eleições para deputado estadual em 1962, o uso das rimas era incorporado ao seu “itinerante”, “fazer política”. Vejamos como o ator narra em rima o seu métier.

1962

Pedindo votos, de graça,  
Nova eleição eu disputo.

Não disputo de reduto,  
 Eu saio de praça em praça.  
 Viola, versos e cachaça,  
 Coisas bem do meu agrado,  
 Percorri todo o Estado,  
 Litoral, sertão, caatinga,  
 Na base a pinga-pinga/ Fui eleito deputado  
 (LIMA, 2004, p. 52).

Os versos acima marcam o seu “jeito boêmio” como um dos atrativos que permeiam sua personalidade, mesclando a “sensibilidade” do poeta no corpo do “homem político”. E sobre o corpo político o “poeta” compõe suas rimas simples e ligeiras, encontra seu palco nas ruas, bares, becos ou praças. Parafraseando Adilson Filho (2009), “A política assim como o teatro precisam de expectadores de um público, são eles que promovem a sua existência. Tanto na política como no teatro interessa as pessoas vê-los interpretar suas personagens, suas máscaras”.

Portanto, o “fazer política” do “poeta” ganha público, entusiastas, eleitores que mais uma vez o legitimam com a vitória na reeleição para deputado estadual em 1966.

1966

No ano de sessenta e seis,  
 Fui candidato, outra vez,  
 E outra vez fui eleito  
 Esperançoso e afoito,  
 Aguardei sessenta e oito  
 E a disputa pra prefeito  
 (LIMA, 2004, p. 52).

A confiança adquirida com as consecutivas vitórias de Ronaldo José da Cunha Lima, o levou a investir em 1968 na candidatura a prefeito, mas, tem como adversário Severino Cabral, considerado um populista, apontado como um suposto escolhido das classes mais humildes. Segundo Sylvestre (2013, p. 138), “Cabral sozinho já era uma ameaça. Um adversário de peso. Mas outro conhecido e prestigiado líder político de campina, o deputado Antônio Vital do Rêgo, desejava ocupar a Arena”.

Com a apresentação desse cenário, construindo-se e anunciando dois outros consagrados políticos, fazendo concorrência a Ronaldo José da Cunha Lima, o MDB começa a articular-se na escolha de um vice para o “poeta”, procurando encontrar um vice que desse, credibilidade à chapa e gerasse confiança junto aos segmentos das classes alta e média campinense, uma vez que este grupo social não simpatizava com o “jeitão boêmio e rueiro de

Ronaldo” Foi escolhido para vice o genro do Senador Argemiro de Figueiredo, Orlando Almeida, afirma Silva ( 2009, p. 35 *apud* MELLO, 2008).

A montagem do “arsenal político” para a competição já contava com o apoio do senador Argemiro de Figueiredo. O esforço daquele momento consistia em arregimentar a campanha com o suporte fundamental das mídias da época, a exemplo de uma emissora de rádio de fusão, pois os comícios eram transmitidos ao vivo. Por essa razão a apropriação de tais meios de comunicação tornava-se fundamental para a conquista e manutenção do poder político. Nesse sentido, vale destacar as observações de Debord (1999, p. 14-17): “O espetáculo se apresenta com uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’. O espaço radiofônico, portanto se fez lugar por excelência para a apresentação “dos personagens” de Ronaldo José da Cunha Lima”.

Segundo Sylvestre (2013), Severino Cabral ficaria com a Borborema, Vital do Rêgo com a rádio Cariri e Ronaldo José da Cunha Lima com a Caturité. O resultado do pleito foi favorável a Ronaldo Cunha Lima, representante do partido MDB onde obteve 22.456 votos, contra a somatória de 18.444 votos obtidos pela ARENA. O político tomou posse no dia 31 de Janeiro de 1969, sendo cassado pelo AI5, no dia 13 de maio do mesmo ano. O período de exílio na carreira de Ronaldo faz parte de mais uma cena do espetáculo da sua vida pública. Vejamos o que o “poeta” manifesta em seus versos.

#### A CASSAÇÃO

##### I

Pelo povo de Campina fui eleito.  
 Para ser do município seu prefeito.  
 Mas não pude o meu povo governar.  
 Com pouco mais de um mês ter-se passado,  
 Sem pecado nenhum eu fui cassado  
 Por ato do Regime Militar.  
 Noites e dias vivi, os mais medonhos,  
 Amargando a desdita de meus sonhos,  
 Quase sem forças para recomeçar.

##### II

Desiludido, arrumei minha bagagem,  
 João Rique deu-me forças e coragem  
 E passagens para o Rio de Janeiro.  
 Tentei o Rio depois fui a São Paulo,  
 A fim de trabalhar com o Dr. Saulo  
 O jurista, o poeta, o cavalheiro,  
 Que me devolveu a amplidão da calma  
 E consegui resgatar a minha alma  
 De um poço inerte, solerte e traiçoeiro.

## III

O tempo todo ao meu lado um grande amigo,  
Sempre disposto a dividir comigo  
Os horrores das dores: o Edival.  
A me incitar, até mesmo num convite,  
Pra versejar em “O Céu é o Limite”,  
Sobre Augusto dos Anjos, o imortal.  
E dividido entre São Paulo e Rio,  
Enfrentei, com denodo, o desafio,  
Venci-o e fui “manchete de Jornal”

## IV

E deu para olvidar a desventura  
E a desesperação da criatura  
De sonhos e de rimas prisioneiras  
Voltei a alimentar de velhos anseios  
De versos que, aos poucos, recriei-o,  
Na inspiração de sensações ligeiras.  
E quando do sofrer sentia o embate,  
Declamava esses versos em boate  
Ou os cantava, de improviso, em feiras.

## V

E deu, até, para pensar na volta  
E, até mesmo, esquecer tanta revolta  
E tanto mal a quem só quis o bem  
Deu para ouvir a voz da razão,  
Escutar o bater de um coração  
Que, esquecido, não esqueceu ninguém.  
E ouvir de Cássio, a frase a me incitar:  
“Meu pai, quando você quiser voltar,  
Conte comigo: eu voltarei também”.

## VI

Decidi retornar para o meu ninho,  
Refazer, por inteiro, o meu caminho,  
Juntando, um por um, os seus pedaços  
Que me trouxessem de volta ao lar antigo  
Para viver na paz de seu abrigo  
Revendo amigos, criando espaços.  
Meu sonho juvenil nasceu de novo:  
Eu para os braços do meu povo  
E meu povo me acolheu nos braços  
(LIMA, 2004, p. 54-55).

Durante o período de ausência deste ator, causada pelo AI-5, é interessante notar que, mesmo sem exercer algum cargo político, o seu nome não fica esquecido, o político orquestra as suas aparições a partir do programa da TV Tupi, “O céu é o limite”, onde respondia perguntas sobre Augusto dos Anjos, porém, antes de terminar a temporada prevista de participações de Ronaldo Cunha Lima, o programa foi retirado do ar.

[...] Quando eu estava naquele período, cassado, então eu me inscrevi no programa, comecei a responder, na época era TV Tupi, uma audiência extraordinária em todo o país. **Eu recebia carta semanalmente, carta de saco, eram pilhas e mais pilhas de cartas de todo o país, de cidade que eu nunca imaginava e a audiência**

**crescendo. Então, eu tomei conhecimento que a produção do programa, a moderação do programa começava a receber cartas me denunciando, que eu era cassado, que aquilo era uma afronta ao poder revolucionário que me havia cassado e que o programa colocava em xeque a própria posição da revolução, porque permitir que um cassado estivesse obtendo notoriedade nacional e colocando mal quem tivera a iniciativa do ato.** E as cartas, inclusive, tinham um aspecto curioso da maldade humana, as cartas eram datadas de Recife, quase todas elas, Recife tanto de tanto, mas o carimbo do correio era de Campina Grande, por incrível que pareça. [...] Então, num certo instante, eu fui advertido de que o programa poderia sair do ar. Eu senti que as perguntas estavam sendo mais apertadas, perguntavam se eu ia desistir ou se ia continuar. Para mim naquele instante não era o dinheiro que valia, eu continuei e já estavam faltando na época, parece que era 15 programas, eu já tinha feito 13 e na outra semana o apresentador alegou que o seu contrato com a TV havia sido extinto e o programa ali estava encerrado, embora na outra semana o programa recomeçou com outro título (1971). (SILVA, 1989 *apud* SILVA, 2009, p. 75) (grifo nosso).

A narrativa do “poeta” denuncia a perseguição no período militar, tendo como consequência o seu afastamento da política, sendo vetadas até mesmo suas aparições no programa “O céu é o limite”, da extinta TV Tupi, ainda deixa implícito que as cartas que o denunciavam, recebidas pelo programa, viriam de Campina Grande, e possivelmente sendo obras de seus desafetos e concorrentes políticos. Com isso foi boicotado das futuras participações do programa. Apesar da distância, Ronaldo Cunha Lima continuava mantendo contato com os correligionários da Paraíba, através de cartas ou os recepcionando em sua casa no Rio de Janeiro, alimentando assim sua “chama política”.

Vejam os um trecho de uma entrevista concedida por Cássio Cunha Lima, na dissertação de Caniello (2013, p. 48): “O nosso apartamento era uma verdadeira embaixada da Paraíba, as pessoas chegavam lá e sabiam que tinham porto seguro”. O político faz referência ao acolhimento feito por seu pai aos conterrâneos. E ainda por meio das cartas Ronaldo continuava esse contato com o povo, (re) inventando a maneira de fazer e estar presente no cotidiano da cidade e na vida do povo lá residente.

Depois de doze anos de autoexílio, Ronaldo Cunha Lima retorna à Paraíba, agora revestido de ares messiânicos, ou seja, ele pretensamente se colocará como uma espécie de salvador do povo paraibano. As cenas que irão compor esse episódio político terão como pano de fundo o processo de redemocratização do país, além do mais, sabendo de sua popularidade revelada na sua primeira vitória à prefeitura de Campina Grande, visto ter desbancado dois outros importantes líderes políticos, indicava-lhe propícias condições para uma nova vitória. E assim suas ações iam agenciando sentimentos e emoções vinculadas a “seu lugar” e “sua cidade”.

[...] da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios e, em particular, em profissões que, como as profissões liberais, [...] um certo capital cultural ou, como no caso dos advogados, um domínio profissional de eloquência. Enquanto este capital [...], é produto de uma acumulação lenta e contínua, a qual leva em geral toda uma vida; o capital pessoal a que se pode chamar de heroico ou profético (BOURDIEU, 2001, p. 191).

Com o regresso e a vitória nas eleições de 1982, Ronaldo Cunha Lima exhibe a notoriedade de seu capital político, na sua construção social emergindo outros capitais, como o carismático e o heroico, cujas relevâncias estão no contexto do exílio, e na teatralização de sua volta, que acontecem por um suposto “amor a Campina”.

#### O POETA E RAINHA

“Agora que volto já de tantas coisas,  
Preciso aprender/ Que desta cidade ninguém parte,  
Pois a Campina ninguém parte só se chega sempre”  
“No topo da Borborema/ A cidade se compõe de cabeça tronco e membros.  
O cérebro engarrafado/ Dos poetas e triunfos  
(Ronaldo, Raimundo)/ Profetas e loucos soltos  
(Caboreto, Biu do violão).  
(Barcelona, Borborema, do jornalista e escritor Josué Nêumanne Pinto)”  
(LIMA, 2001, p. 11).

No prefácio da obra intitulada “Roteiro sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande”, José Nêumanne Pinto romanceia a “relação amorosa” do “poeta” com a “rainha da Borborema”, destacamos o trecho “pois a Campina ninguém parte só se chega sempre”. O uso da poesia na narrativa política singulariza o ator político, o transpõe na personificação do “espetacular governante”, carregando consigo os “efeitos amorosos da cidade”, exalados na “saudade” cantada em versos, incutidos na produção de uma narrativa em que a cidade transforma-se em palco dos seus versos.

A volta performática do “prefeito-poeta” garantiu a sua vitória em 1982, com larga diferença de votos em relação a seu opositor, mesmo com todas as astúcias políticas feitas pelo então prefeito Aguinaldo Ribeiro, que apoiava Vital do Rêgo. Dentre elas, fazendo uso da máquina administrativa, a exemplo de aumentos de salários em 100%, entrega de obras na tentativa de impedir a ascensão de Ronaldo Cunha Lima. Vejamos o que as narrativas jornalísticas transcrevem sobre as ditas ações.

#### ENIVALDO ENTREGA CASAS NO PEDREGAL

[...] Visivelmente emocionado, o prefeito Enivaldo Ribeiro fez um discurso perante a multidão que o cercou no Pedregal, destacando que aquele era um dos momentos mais importantes de sua administração, porque dava casas ao povo que não tinha um teto para se abrigar. ‘Este é um dos benefícios que introduzimos no bairro que era no começo do meu governo uma favela totalmente abandonada. Hoje seus habitantes

contam com os serviços de energia elétrica, de água e de fossas residenciais (JP, p. A5 – Cidade, 12 de novembro de 1982, *apud* LIMA, 2009, p. 93).

**SERVIDORES EM FESTA: ENIVALDO ANUNCIA 100% DE AUMENTO**

O prefeito Enivaldo Ribeiro assinou a mensagem de aumento de 100% ao funcionalismo municipal, em duas parcelas, iguais de 50%, a partir de janeiro e maio do próximo ano. Anúncio feito em meio a uma grande festa (JP, capa, 13 de novembro de 1982, *apud* LIMA, 2009, p. 93).

Os jornais locais reproduzem as manobras, criadas para produzir efeitos de “verdade”, “opiniões”, nesse caso, para beneficiar a campanha de Vital do Rêgo, mas, apesar de tudo isso, Ronaldo Cunha Lima consagra-se vitorioso nas eleições, obtendo uma votação de 40.679 votos sobre seu adversário, que obteve apenas 28.625 votos.



## 2. A MORTE E A FESTA: “PARQUE DO POVO, TEATRO A CÉU ABERTO”

### 2.1. Comoção Popular

O político Ronaldo José da Cunha Lima, tantas vezes adjetivado por seu “jeitão boêmio”, cristalizado no imaginário social por seus familiares, grupo político, eleitores e admiradores, e até mesmo os inimigos políticos que ironizavam, nas críticas proferidas a ele. Assim como assevera Adilson Filho (2009, p. 60), “Mas vale salientar que as forças políticas dos grupos locais inscrevem-se, primeiramente, nos corpos e mentes dos indivíduos através de valores imaginários que já existem na própria cultura do povo e quem favorecem substancialmente a sua dominação.”

O “poeta-político” só saiu de cena com sua morte, no dia 07 de julho de 2012, cujo funeral foi um verdadeiro espetáculo ritualístico, que ajuda a “produzir o mito”, marcado por centenas de homenagens, (re) criando “o poeta”, “o homem sereno”, de fé, bondade e santidade. Segundo Giradet (1987, p. 82), “Quanto mais o mito ganha amplitude, mais se entende por um largo espaço cronológico e prolonga na memória coletiva, mais se deve esperar, aliás, ver os detalhes biográficos, as características físicas ganhar importância”.

A morte de Ronaldo José da Cunha Lima enaltece ainda mais o seu lado “poeta” nas declarações feitas nos diversos meios de comunicação, prestadas por: políticos, familiares, amigos, artistas, intelectuais, eleitores. Entre os meios utilizados para a “espetacularização da despedida”, as redes sociais e microblogs foram os mais usados nesse primeiro momento. Vejamos algumas homenagens prestadas:

O Senador Cássio Cunha Lima disse: "Os Poetas não morrem! O Poeta Ronaldo Cunha Lima, após uma vida digna, descansou", publicou na rede social Twitter.

Políticos, familiares, amigos, artistas e cidadãos comuns lamentaram também a morte de Ronaldo José da Cunha Lima, com palavras de apoio à família ou apenas citando trechos de seus poemas, como fez Bruno Cunha Lima em uma de suas redes sociais: “Quando eu for pra eternidade,/ onde só Deus me alcança,/ eu não quero ser saudade,/ já me basta ser lembrança”.

O membro da Associação Paraibana de Imprensa (API), Waldir Porfírio, publicou: “Ronaldo Cunha Lima foi um bom amigo dos estudantes, em especial, da URNE. Quero lembrá-lo assim, quando ele era líder estudantil. Adeus poeta”.

A cantora paraibana Elba Ramalho falou através do Twitter: “Abraço fraterno à família Cunha Lima pela passagem do querido poeta e influente político Paraibano, Ronaldo Cunha Lima”.

A partir das narrativas de despedida o poeta passa por um processo de blindagem às críticas que outrora fizeram parte de sua vida, não apareceram mais. A linha tênue existente entre o poeta dos versos doces e o político de ações estratégicas e ardilosas é praticamente extinguida da narrativa jornalista, o homem revelado por ela é a figura do “salvador”, “herói” e “visionário”.

A despedida aconteceu em dois lugares: no Palácio da Redenção e no Parque do Povo, símbolos de sua influência política na Paraíba. O Palácio da Redenção por ter sido sua “casa” durante seu mandato, e o Parque do Povo, obra efetuada durante sua gestão como prefeito de Campina Grande. O primeiro cenário, o Palácio da Redenção, foi também cenário para as primeiras homenagens, mesmo dos adversários políticos, que ressaltaram a importância de Ronaldo Cunha Lima na política paraibana.



**Figura 1** – Zé Maranhão no velório de Ronaldo

**Fonte** – <http://expressopb.com>

Entre os políticos que prestaram as condolências à família, os antigos rivais políticos também encenaram, a exemplo de José Targino Maranhão, ex-governador rival político de Ronaldo Cunha Lima; grupos rivais, os “ronaldistas” e “maranhista”, dominam a política

paraibana. Maranhão manteve uma relação política amigável com Ronaldo até o “racha” no PMDB. Ronaldo saiu do partido e fez oposição a Maranhão. A imagem acima pode ser pensada como a encenação da despedida, revelando o lado humano nos discursos jornalísticos que aparecem: apesar da rivalidade política, o ex-governador José Maranhão presta as últimas homenagens ao poeta.

## **2.2. Parque do Povo: “O Eterno Palco”**

O último adeus ao “poeta”, não por coincidência, ocorreu na Pirâmide do Parque do Povo que, ainda enfeitada com a decoração do São João de 2012, recebeu o corpo de Ronaldo Cunha Lima. O lugar escolhido para o velório em Campina Grande não poderia ter sido outro, pois o mesmo recepciona aquilo inventado como “O Maior São João do Mundo”, idealizado e construído pelo político na década de 1980, quando administrava a prefeitura da cidade, mas virou também cenário de sacralização do seu poder, onde aconteciam as grandes teatralizações políticas da carreira do poeta, em sua gestão como prefeito.

No Parque do Povo a comoção da família e a divulgação das encenações de despedida fabricam “o mito”, e em seu ser poético o imortalizam em narrativas, a mídia vale-se disso para construir a descrição do velório, as fotografias remetem a essas encenações. A fotografia torna-se uma fonte para uma passível leitura por parte do historiador, transformando-se em um dos nossos objetos de pesquisa para entendermos como as imagens recriam cenários e emoções dos momentos de despedida e de fabricação do mito.

Portanto, a icnografia revela-nos signo e imagem, aspectos da mensagem elaborados pela imagem fotográfica, a mesma pode revelar detalhes e descrições que a linguagem verbal não consegue revelar, pois ela imprime subjetividades. Segundo Kossoy (2001, p. 55),

Assim as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos das áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber pois representam um meio de conhecimento da cena passada e portanto, uma possibilidade de regate da memória visual de um homem e seu entorno sociocultural. Trata-se de fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se a descoberta, análise e interpretação da visão histórica.

Uma das imagens midiáticas de cenas durante o velório foi a de comoção popular, que tinha Ronaldo como um santo, reafirmando assim a fabricação do mito. Durante o velório do líder político Ronaldo Cunha Lima, na Pirâmide do Parque do Povo, houve a comoção

popular daqueles que foram eleitores e admiradores do poeta, alguns com as camisas usadas durante suas campanhas eleitorais. A imprensa apreendeu alguns discursos dos apaixonados pelo poeta.



**Figura 2** – Comoção popular no velório de Ronaldo  
**Fonte** – G1GLOBO.COM, 2007.

A aposentada Angelina Bernado estava chorando muito e os seguranças deixaram que ela tivesse acesso até o caixão. Ela beijou as mãos do político e poeta. "Ronaldo na minha casa era tido como um santo. Eu e minha família devemos tudo a ele pelo que ele fez por Campina Grande e pelo povo. Vai ficar muita saudade", disse (G1GLOBO.COM, 2007). Depoimentos como o da aposentada compõem um dos elementos de fabricação do mito Ronaldo Cunha Lima. O mito liga-se ao divino, à fé cristã, à qualidade de sagrado de "santo". A morte é retratada, portanto, como um magnífico espetáculo, repleto de símbolos integrantes da "feitura do grande homem". O cenário da festa faz-se cenário das lembranças e da saudade.

A partir do século XVII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo, exalta-a, dramatiza-se, deseja-a impressionante e arrebatadora. Mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e assim a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e a lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX, o novo culto dos túmulos e dos cemitérios (ARIÈS, 2003, p. 64).

Assim a vida do "poeta" foi repleta de grandes espetáculos, a morte não se fez contrária. Os relatos midiáticos são ricos em estabelecer signos que o eternizam na memória coletiva, cuja produção inicia-se com sua própria morte, e toma forma a partir da

fala de seus pares, a exemplo do discurso de Cássio Cunha Lima à TV Itararé. Durante o velório o senador relata: “o que mais conforta e dá força a família é a comoção do povo, das figuras anônimas”. A fala de Cássio reafirma que o povo é a fortaleza da família, reafirmando assim a figura do mito e do adorado poeta. A morte do poeta coincidiu com o fim das festas de junho, o Parque do Povo ainda estava ornamentado. E para lembrar a relação de idealizador de Ronaldo com o Parque do Povo foi posta a seguinte imagem em meios às bandeirolas enfeitando a pirâmide.



**Figura 3** – Imagens de Ronaldo no teto da Pirâmide do Parque do Povo  
**Fonte** – G1GLOBO.COM, 2007.

A imagem erguida no meio da pirâmide do parque do povo mostra três imagens do poeta, a mais antiga no meio, referente a quando o poeta retornou a Campina Grande e foi eleito à prefeitura da cidade; a segunda imagem ao lado esquerdo é referente ao momento em que o poeta foi governador do Estado; e na do lado direito o poeta já era senador. Na parte inferior da imagem aparece a pirâmide representado o Parque do Povo, remetendo assim à relação do mito político com a festa, com aquele espaço que se fazia agora cenário do seu último e maior espetáculo, o da morte, da despedida.

Durante o cortejo o corpo foi acompanhado por uma multidão. Muitos amigos e eleitores do poeta levaram, vestiram a camisa da época da campanha para governador, bandeiras por todo o percurso, cantaram sua música de campanha que marcou a Paraíba: “*Oiô, oiô, oiô... Ronaldo Governador*”. A comoção dos populares atravessou o Centro de Campina Grande, dos apaixonados não apenas por Ronaldo, mas pela família Cunha Lima.

Em 2012 também estava ocorrendo a campanha para a Prefeitura de Campina Grande, e entre os concorrentes estava candidato a prefeito Romero Rodrigues, sobrinho de sua mulher, Glória Cunha Lima, e a vice-prefeito seu filho, Ronaldo José da Cunha Lima Filho, os quais foram vitoriosos derrotando dois representantes e fortes grupos políticos no cenário campinense, o Vital do Rêgo e o Ribeiro. De certa maneira o voto dado à dupla vencedora teve o efeito de uma última homenagem ao “poeta”, pelo que ele fez pela cidade. Angariado junto à produção da imagem de um “grande homem”, graças às homenagens prestadas pelos meios de comunicação.

Com a vitória do grupo político Cunha Lima as homenagens prestadas ao líder retomaram o cenário do Parque do Povo, com os festejos do São João, em 2013, já que no dia 07 de julho faria um ano da morte de Ronaldo, sendo a programação do São João estrategicamente alterada para o término do mesmo coincidir com o aniversário de morte de Ronaldo, tornando mais uma vez o Parque do Povo um dos principais lugares de consagração da memória do mito político, onde seu corpo fisicamente não mais se faz presente, mas como representação, através de discursos e dos lugares de memória.

A festa no Parque do Povo é um desses lugares, no qual o morto torna-se um espectro visível e reluzente para milhares de pessoas. A visibilidade de milhares de pessoas que transitam por aquele espaço criado por ele e agora usado para a construção e mitificação dessa figura emblemática do cenário político paraibano.

O prefeito em exercício de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima Filho, encerrou os festejos do Maior São João do Mundo com um discurso emocionado. Ele disse que “a festa realizada em 30 dias mostrou para a Paraíba, para o Brasil e para o Mundo uma festa de paz, alegria e que vai deixar saudades no coração da população.” O prefeito ainda lembrou que “a data marca um ano do falecimento do poeta Ronaldo Cunha Lima.” “Estou tomado por uma forte emoção por estar neste palco encerrando o São João criado pelo meu pai, o poeta Ronaldo Cunha Lima. Faz um ano que ele partiu, mas recebeu o carinho do povo na Pirâmide que ele construiu. As palavras dele marcaram aquele momento: ‘Pra que este meu gesto marque o nascer de um tempo novo, o povo pediu o parque e eu fiz o Parque pro Povo’” – finalizou Ronaldinho. (Paraibaonline.com.br acesso 08 de junho 2013)

Após os festejos da morte, tendo o Parque do Povo como palco, os fios que vão tecer a construção da memória são tecidos com narrativas saudosistas, com a construção de uma imagem ainda muito presente de Ronaldo Cunha Lima, mesmo tendo o seu corpo sepultado. A lógica é fazê-lo viver através de uma seleção das melhores insígnias e ações. O seu lado mais obscuro, os escândalos devem ser silenciados, para não macular a fabricação do mito.

### 2.3. A Veia Política

As narrativas são laudatórias e servem para criar um homem sem defeitos, envolvido unicamente com as causas do povo. O neto de Ronaldo Cunha Lima, Pedro Cunha Lima, em uma sessão especial do Senado Federal em homenagem à memória intelectual e carreira política de Ronaldo Cunha Lima realizada no dia 18 de março de 2013:

Querida e amada Glória Cunha Lima, através de que aproveito o enorme coração para saudar os demais presentes.

Em algum lugar próprio de sua essência brilha mais forte hoje nossa estrela maior e como sem perder a capacidade de uma vida inteira de nos guiar, o vazio deixado pela saudade é preenchido com luz sua tão especial e presente luz. Mais do que nunca em seu aniversário com aqueles que Deus permitiu ficar entre nós a simplicidade do seu sorriso, o carinho de seu olhar é celebrando que o sentimos por perto e nada mais vibrante que tê-lo por perto.

Do alto e não podia ser diferente, nossa estrela guia conserva embora com novos contornos a mesma forma que por muito acompanhou, um repertório imenso de gestos, um cenário repleto de amor. Homem da mais destacada presença de espírito agora em plano distinto, essa de sua intimidade para se fazer de espírito presente em alguns casos caso que sempre, sobrevive e versos permanece em rimas e hoje pode ser facilmente encontrada assim como é nesse instante entre os nossos melhores e mais escolhidos olhares, como diria meu amado pai Cássio, chama viva de Ronaldo na política. Nossa eterna inspiração agora de endereço incerto, de certo no infinito ressurgue com a certeza das multidões que guardaram parcelas do seu amor afinal para Ronaldo com toda a sua espontaneidade emocional e humanista, qualquer ser humano ao mesmo tempo era um só e multidão. O poeta viveu nas individualidades das multidões e viveu com tamanha intensidade em processo tão dedicado a doação que em determinado momento o limitado corpo se entregou as passadas da irrequietamente, após o longo período percorrido cheio de glória e conquista chegara a hora do descanso do repouso da incansáveis lutas.

Sereno o poeta subiu e se foi com se querendo da algo mais e se foi com se ainda tendo e não se foi na falta que impõe a vida no partir pra eternidade, Ronaldo em sua lida é presença na saudade. Na despedida houve quem tenha conseguido dizer adeus, houve quem tenha acompanhado o seu partir, houve a recusa de quem nem quis nem ir, e quem sozinho em casa rogou a Deus, para todos sem restrição com de praxe. Termino na abrangência do poetinha em suas sempre lindas palavras do que vai ficar não importa que da despedida não fique nada, bastam às outras coisas do muito que nos vimos pelo menos um olhar há de ficar de tudo do que dissemos pelo menos uma palavra vai ficar, do quanto nos fizemos pelo menos um gesto vai ficar e do tanto que nos amamos pelo menos um pouco de amos há de ficar e pelo que vimos, pelo que fizemos, pelo que dizemos e pelo que amamos, pelo menos em lembrança um no outro vai ficar (TV SENADO, 2014<sup>6</sup>).

A narrativa tecida por seu neto, filho de Cássio Cunha Lima, herdeiro também do nome político, imprime um saudosismo elevador da figura de Ronaldo Cunha Lima ao seguinte desenho: a intensa “espontaneidade emocional” em que “ele e multidão são um só ao mesmo tempo”, “o poeta viveu nas individualidades das multidões”, exibindo assim a

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=oTa3hs8n7QY>. Acesso em 29/03/2013.

fabricação do mito político. E mostrou como a política usa dessa ferramenta para consolidar-se como poder, tendo uma sessão especial em homenagem ao homem político.

A figura de seu neto ainda jovem fazendo o que Ronaldo talvez faria: usar as palavra para encantar e eternizar um mito político, ressaltando seus maiores feitos e valores, sua popularidade ou melhor o quanto os amavam. E quanto ele amava familiares e seu “povo” e o quanto era amado, fazendo um movimento de construção de memória e fabricação de um mito, cuja consistência vai sendo sedimentada com a argamassa das paixões, das representações, das fabricações da memória, mas também pelas lutas políticas e modernizações trazidas para a cidade de Campina Grande (a terrinha querida) e para o estado da Paraíba. Com estes materiais a figura política de Ronaldo Cunha Lima vai sendo sedimentada como um mito paraibano.

Em entrevista a esposa de Ronaldo Cunha Lima, Glória Rodrigues Cunha Lima, com quem o poeta conviveu 53 anos, a mesma narra a homenagem que mais lhe emocionou, feita ao poeta:

[...] Foi o dia em que Pedro pegou o microfone parecia que era, ai eu, me emocionou (choro), parecia assim que ele já tinha vivência com aquilo eu acho que ali foi o ponta pé inicial pra ele ingressar na vida pública até porque depois daquilo muitas amigas minhas, me telefonavam Glória seu neto , aquele menino tem que entrar na política. Fora as outras homenagens muito bonitas, aquela homenagem assim nos emocionou demais, demais. E hoje o senado já está preparando, já está querendo dá um ala que vai levar o nome Ronaldo Cunha Lima, e estão querendo fazer uma escultura, um busto dele, como aqui em Campina também tem um empresário que tá querendo botar no prédio um busto de Ronaldo. Eu não vou divulgar o nome porque ainda, não está definitivo e a gente só deve dizer aquilo que a gente sabe que vai acontecer, mas eu acho que as homenagens são pra mim, fora essa homenagem que são de conhecimentos públicos pra mim e pra família a maior homenagem que eu acho é uma pessoa abrir uma carteira e tirar uma foto de Ronaldo de 1959. Menina olha, eu me desmancho todinha a fotozinha, já entendeu apesar de ser. Não existe homenagem maior que esta, e eu sou uma pessoa totalmente realizada porque tive assim a felicidade de conviver 53 anos com Ronaldo, aprendi muito entendeu, ensinei também. ( Entrevista realizada no dia 06 de agosto de 2014).

A narrativa tecida por Dona Glória Cunha Lima versa sobre o futuro herdeiro político do clã, o jovem Pedro Cunha Lima, sobre as bênçãos simbólicas do seu pai e seu avô. Pedro foi eleito o deputado federal mais votado do estado da Paraíba, com 179.886 votos, embora seu pai tenha sido derrotado para governador. Seria a primeira derrota de Cássio Cunha Lima, por outro lado a continuidade e a força do clã através do seu primogênito.



## 2.4. Espetacularização da Festa: A Fabricação do “Maior São João do Mundo”

Na década de 1980, Ronaldo Cunha Lima, ao voltar à cena política, assumindo a Prefeitura de Campina Grande (1982), e como marco de sua gestão, construiu e inaugurou em 1986 o Parque do Povo, espaço que serviria para recepcionar aquilo que foi inventado como “O Maior São João do Mundo”. Mas vejamos como ocorreu a estruturação dessa festa.

No último ano de da administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro, em 1982, ocorre à desapropriação uma extensa área chamada de “Coqueiros de Zé Rodrigues”. No espaço foi inaugurado o centro cultural por então prefeito, porém ainda fica um espaço de quase 25.000 metros quadrados ociosa e é exatamente nesse espaço que Ronaldo José da Cunha Lima monta o “palhoção” para realizar o que os organizadores da montagem da festa e da mídia irão denominar de “Maior São João do País” (LIMA, 2008, p. 50).

A festa esteve em constante estruturação, e o uso político a cada ano substancializava sucesso da festa na figura do idealizador, que em versos, durante a abertura do São João em 1984, declama: “Grande festa nordestina,/ Forró a cada segundo,/ Vamos fazer de Campina o Maior São João do Mundo”. O espaço transforma-se num excelente lugar para a comunicação com o público, para a conquista e a simpatia do mesmo. Percebendo a prosperidade política instaurada pela festa, surgem os primeiros discursos enaltecendo a figura do prefeito e apontando a festa como uma dádiva graças ao administrador.

Não bastava apenas o evento. Era preciso usada criatividade, o amor maior por um acontecimento de domínio popular. Servindo não apenas de lazer, mas especialmente marcante pelos traços históricos. Pelo folclore, por sua beleza de modo geral que forcem por si só a participação espontânea de todas as pessoas. [...] Apesar das dificuldades econômicas no município, Ronaldo Cunha Lima usando novamente sua inteligência e criatividade na divulgação da promoção do São João, colhia os frutos do trabalho realizado. (LIMA, 2008, p. 143-144)

Na narrativa jornalística a figura de Ronaldo como um verdadeiro “salvador”, que traz a “alegria” para a cidade, mesmo em tempos de dificuldades econômicas. Nesse sentido Mota (2009, p. 24) afirma:

Os impressos são veículos fundamentais na divulgação e disseminação dos valores das diferentes culturas políticas, e são usados propositalmente para tal fim. Nos textos dos livros e jornais, e também nas suas imagens visuais, desfilam heróis, mitos, símbolos e os valores morais do grupo, e nessas publicações muitas pessoas encontraram motivação para identificar-se e aderir.

## 2.5. “O espetacular dia do fico”

O dia 14 de maio de 1986 foi uma data muito esperada pelos campinenses, na qual foi inaugurado o Parque do Povo. Sendo o epicentro do “O Maior São João do Mundo”, o evento serviu para inaugurar, antes de qualquer show, o primeiro “grande espetáculo” que foi ritualizado pelo próprio “autor da obra”. Ronaldo Cunha Lima aproveita o momento de euforia da população, segundo Lima (2008, p. 147), “cerca de 10 mil pessoas” para encenar a seguinte passagem:

Eu devo renunciar a meu mandato de Prefeito. Tenho até meia-noite para me decidir. Mas para atender à vontade do meu povo, fico. Ficarei até o fim governado Campina Grande para bem servi-la. Aqui, no momento histórico da mais alta responsabilidade para minha vida política, para o destino de Campina Grande e da Paraíba, eu repito o que foi dito há muito tempo atrás, uma frase que ficou marcada na história do nosso país: se Campina Grande pede e se é pela vontade deste povo, eu digo a este povo que fico. (Jornal da Paraíba – Campina Grande, 15/05/1986 *apud* LIMA, 2008, p. 149).

A resposta foi em gritos que o pedia para continuar. A festa de inauguração transforma-se em um comício, onde o ator político informa à população a possibilidade de sua saída da prefeitura, porém em interface com esse momento Ronaldo Cunha Lima já declara promover sua performance de “grande salvador”, prontificou-se em continuar, porém, segundo Lima (2009 p. 147), “Na verdade a decisão de não mais se candidatar ao Governo do Estado, foi tomada um dia antes, após longas horas de reunião com a alta cúpula do PMDB”.

Portanto, “o dia do fico” corresponde à teatralização do poder de Ronaldo Cunha Lima, em que o episódio representou a exibição do seu poder. Para Balandier (1982, p. 6), “O grande ator político comanda o real através do imaginário”. A quimera integrante da narrativa do “poeta” serve para justificar sua decisão. Assim como num teatro, as falas dos personagens são estrategicamente produzidas para provocar efeitos no público.

O cenário acompanha a intenção dos personagens, assim como suas roupas, olhares, gestos, ações. As falas são reproduzidas para provocar sentimentos, indignações, encantamentos, paixões, desprezo, delírios. Igualmente num teatro, o ator Ronaldo Cunha Lima apresenta seus vários personagens, e usa o Parque do Povo como seu “teatro a céu aberto” para estrelar seus personagens. Com isso o ator apresenta ritos que legitimem sua figura.

Em 1987, nas vésperas do Dia de São João, noite em que o festejo está mais lotado, houve a soltura de dezenas de balões, e neles continham as iniciais do prefeito. Essa passagem

induz a identificar que a festa tem um “dono”, fabricando em uma autoimagem. Assevera Burke (2009, p. 22): “‘a expressão ‘a fabricação de Luiz XIV’, e não ‘a fabricação de uma imagem’, sugere a importância dos efeitos dos meios de comunicação no mundo, a importância do que foi chamado ‘feitura de um grande homem’ ou a ‘construção de um símbolo de autoridade’”.

Em 1988 a festa ritualiza um novo espetáculo, dessa vez o de sucessão de poder. E não é por acaso que o “poeta” escolhe o palco do “Maior São João do Mundo” para apresentar o nome do seu próprio filho para sucedê-lo no outro ano. No último dia da festa o prefeito discursa: “Essa festa eu criei como se cria um filho, pequeno crescendo e jogando-o ao mundo, E só um filho poderia prosseguir-la no Maior São João do Mundo. Por isso, entrego Cássio ao próprio destino de Campina Grande<sup>7</sup>”.

A fala de Ronaldo Cunha Lima aponta Cássio como o único sucessor capaz de continuar o “Maior São João do Mundo”, festejo esse que aquecia a economia do município ano após ano. A festa serve como uma espécie de moeda política produtora da legitimidade a um grupo, no caso. Na década de 1990 “O maior São João do Mundo” ganhou maior espaço na mídia de abrangência nacional, estando entre um dos roteiros turísticos. Também nesse período Ronaldo Cunha Lima sai da Prefeitura de Campina Grande para candidatar-se ao governo do Estado.

#### **O COMEÇO NO FIM: PMDB APROVEITA O ENCERRAMENTO DO SÃO JOÃO E LANÇA CÁSSIO CANDIDATO**

Não houve novidades, no último domingo à noite, no Parque do Povo, durante o encerramento oficial do ‘Maior São João do Mundo’. Como se era de previsível, na presença de mais de 50 mil pessoas, o PMDB campinense aproveitou a oportunidade para fazer o lançamento prévio do nome do deputado Cássio Cunha Lima como o candidato do partido à Prefeitura Municipal, em 15 de novembro próximo. Em todos os discursos proferidos, a marca indelével de um grande comício, marcando plenamente o início da campanha peemedebista para a sucessão. E foi o prefeito Ronaldo Cunha Lima justamente o primeiro a ‘incendiar’ o estopim, poucos minutos após ter assumido a palavra para fazer o discurso de encerramento do São João. Depois dos agradecimentos de praxe a quem de direito pelo sucesso esperado da festa de 36 dias, Ronaldo foi direto ao assunto: **‘Essa festa eu criei como se cria um filho, pequeno, crescendo e jogando-o ao mundo. E só um filho poderia prosseguir-la, no MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO, declarou o prefeito, numa clara menção a candidatura do deputado Cássio Cunha Lima, que se encontrava ao seu lado, no palanque.** Mais adiante, ao repetir a frase, disse que entregava Cássio ‘ao próprio destino de Campina Grande’. O próprio deputado Cássio Cunha Lima, de maneira discreta, deixou sua mensagem de candidato. ‘Haverei de palmilhar os caminhos de Campina Grande, iniciados por Ronaldo Cunha Lima [...]. E com vosso apoio e vossa confiança, oferecer minha juventude e ideias, para que Campina permaneça com o encontro marcado para o futuro’, disse Cássio, observando ainda que o sonho da cidade de chegar ao Palácio da Redenção, em 90, depende da ‘etapa decisiva’ de 15 de novembro. Como próximo orador, o

<sup>7</sup> JORNAL DA PARAÍBA. 12/07/1988, Campina Grande.

senador Raimundo Lira não deixou por menos. Ao lançar, sutilmente, sua própria candidatura a Governador da Paraíba, em 94, Lyra garantiu seu apoio à candidatura lançada de Cássio, ao fazer menção ao fato de ter sido o “deputado mais votado da história da Campina”, disse claramente: ‘A cidade terá a grande satisfação de ver um grande filho suceder um grande pai.’ E foi enfático, com relação aos trabalhos dos adversários que, segundo ele, pretendem acabar com o São João de Campina: ‘Esta festa está assegurada, pelo menos até 1992’ [...].Num pronunciamento primado pela retórica, mas de conteúdo ácido com relação aos adversários, o vereador Félix Araújo Filho, presidente da Câmara Municipal, não poderia ser mais objetivo em reforçar a estratégia de lançamento de Cássio Cunha Lima, como candidato do PMDB a prefeito, incentivando a multidão a evocar o nome do Deputado Federal. ‘Cássio, olhe como o povo lhe ama, ama! E você, que ama tanto esse povo, sobe nesse mesmo balão para as alturas maiores, na Prefeitura de Campina Grande’, encerrou Félix. Carregados nos braços da população, o prefeito Ronaldo Cunha Lima e o Deputado Cássio Cunha Lima foram retirados do palanque, num encerramento de uma festa com gosto de comício (BARBOSA LIMA, 2009, p. 139 *apud* JP. P. 3, Política, 12 de julho de 1988, grifo do autor).

O palco do Parque do Povo faz-se lócus do rito de passagem da Prefeitura de Campina Grande, estando em Cássio Cunha Lima a herança política de Ronaldo, com o apoio das lideranças políticas que legitimam a transferência desse poder e o aponta como a melhor escolha, tendo como demonstração de seu capital de consagração a manifestação do povo ao arrancá-lo do palco, terminando a festa com o início de outra, o “showmício”, legitimando a eleição do Cássio Cunha Lima e demonstrando o poder do “clã Cunha Lima”.

Em suma, quando o único capital útil, eficiente é o capital irreconhecido, reconhecido, legítimo, a que se dá o nome de “prestígio” ou “autoridade”, neste caso, capital econômico pressupostos, quase sempre pelos empreendimentos culturais só pode garantir os ganhos específicos produzidos pelo campo – e, ao mesmo tempo, os ganhos “econômicos” que eles sempre implicam – se vier a converter-se em capital simbólico; a única acumulação legítima, tanto para o autor quanto para o crítico, tanto para o *marchand* de quadros quanto para o editor ou diretor de teatro, consiste em adquirir um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica em um poder de consagrar, além de objetos (é o efeito da grife ou da assinatura) ou pessoas (pela publicação, exposição, etc.), portanto, de dar valor e obter benefícios desta operação (BOURDIEU, 2008, p. 20).

Na política o capital de consagração manifesta-se na figura política de Cássio Cunha Lima que, além do laço sanguíneo, artifício esse usado para comparação com sua produção da festa, a candidatura do seu filho legitimado pela afirmativa de continuidade da festa, é uma manobra política nada inocente de continuação do poder político, local e estadual, pois em seguida Ronaldo Cunha Lima concorre e vence as eleições de governador do Estado, legitimando mais uma vez assim o poder do seu grupo político, consagrando-lhe ainda mais na construção de sua “espetacular” carreira política.

Vale lembrar que o Parque do Povo, espaço-emblema da cidade, foi planejado e construído. Este espaço foi construído, entre outras coisas, para concretizar os maiores

eventos da cidade, a exemplo do “Maior São João do Mundo”. O momento estratégico de anúncio da candidatura do seu filho a prefeito de Campina Grande acontece em uma das noites de São João. O palco da festa é usado assim como num teatro, onde o ator comove e vende a sua personagem e sua história ao público, igualmente se faz ator político. Ele procura lugares estratégicos para sua encenação para legitimar-se como líder consagrado pelo “povo”.

O político que se ameniza na imagem do poeta, tenta sempre sobrepujar-se como um demiurgo, transcendendo o lado vil, rasteiro das relações políticas. Ele exorta à vitória do filho da seguinte forma:

**Ronaldo: exortação de amor a Campina**

Eu ia fazer uma exortação de amor. Eu, que gosto de falar aos corações, desejo, hoje, que fale, apenas, o meu coração. Quero que a minha mensagem reflita todas as emoções que tenho represadas na alma. A emoção daquele primeiro instante, ao assumir a grave mas grata responsabilidade de governar Campina, ao vos dizer que não voltava por amor ao sacrifício, mas para mostrar que não há sacrifício para amor.[...]. Mas, resisti pela certeza de que o amor de minha causa era maior do que a causa do meu amor. Era grande o desafio a vencer. Em todas as áreas os problemas que se avolumaram, exigindo probidade e acuidade, competência e eficiência, eficácia e pertinácia, mas exigindo também amor com destemor e bravura com ternura.[...]. [...], que te oferto Campina, em retribuição à vitória dos meus sonhos. Inspirado na trilogia da Honestidade, Criatividade e Amor, se não foi possível fazer tudo, eu fiz o que foi possível. [...] **Chego, agora, ao fim dessa jornada, marcada que foi por angústias iniciais, por preocupações atormentadas, por dificuldades que foram sendo superadas, para culminar na majestuosidade deste instante em que me concedeis a suprema ventura de passar às mãos de um filho o destino de minha cidade, palco dos meus sonhos e depositária do meu amor.** Prefeito Cássio, meu filho Cássio Cunha Lima: entrego-lhe, agora, ao testemunho do povo e sob as bênçãos de Deus, a responsabilidade que foi minha até agora de dirigir minha amada Campina Grande, reduto inviolável de minhas crenças. Suplante-me em amor e dedicação e eu me aumentarei no amor de pai, orgulhoso pela ação do filho. [...] Receba as minhas bênçãos de pai, mas acima delas, acredite nas bênçãos de Deus. [...] Não saio com a sensação de quem parte sem saber se volta e quando vai voltar. Saio com a convicção de que não te deixo, pois os meus caminhos são os teus caminhos e por onde quer que eu ande eles me conduzirão a ti. Aqui, apenas termina uma missão que me permito dizer finalmente cumprida. Não nos despedimos. Não é hora de dizer adeus. É instante de selarmos novos compromissos. Se eu tive a grande ventura de te ajudar a continuar grande, eu te peço que me ajude a continuar lutando para te fazer maior. Em breve nos abraçaremos nos “caminhos do futuro. Até breve. Ronaldo Cunha Lima”. (JP. p. 2, Política/Administração, 03 de janeiro de 1989 *apud* SILVA, 2009, p. 143).

O momento de encenação, durante a abertura do “Maior São João do Mundo”, é dedicado ao rito de passagem de poder, no qual a Prefeitura de Campina Grande passa à administração Cássio Cunha Lima, em uma noite que pai e filho, tornam o Parque do Povo cenário da continuidade do poder, usando como artifício que encena a passagem do “pai da festa” Ronaldo, para o seu filho, Cássio, passagem de “amores”, a continuação política do poeta, vista em seu filho, e a encenação do transferir a festa e a cidade, rendendo declarações

de amor em suas poesias: “Ao realizar essa festa, sinto-me um herói, porque muitos foram os que disseram que ‘O Maior São João do Mundo’ havia se acabado, pequenos grupos que se dizem amigos de Campina, mas que, na realidade, trabalham contra o progresso da cidade” Silva (2009, p. 144).

Na ameaça do fim da festa o ator político veste-se da figura do salvador do progressista que impedirá esse fim. A festa legitima o poder de seu grupo político, assim afirma Balandier (1982, p. 11-12): “No decorrer da história de toda cidade se enriquece de lugares aos quais podem ser atribuída uma função simbólica, recebida por destinação ou em virtude de algum acontecimento”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visa concluir que a exaltação política e a construção da imagem de Ronaldo José da Cunha Lima enquanto mito, por personagens que tem influência social e política na Paraíba, que se apropriam do Parque do Povo como espaço emblemático para a construção de se “lugar de memória” na luta pela manutenção do mito.

Assim como serão enfáticas os discursos produzidos pelo seu grupo e admiradores que visão enaltecer o seu “amor pelas artes”, e pela poesia para triunfalmente mitificá-lo como político-poeta, amante das artes e da democracia. Ei-los as narrativas midiáticas para tal fabricação: “*A Paraíba está de luto. Descanse em paz poeta*”, “*Faço o registro de que a sua passagem entre nós foi marcada por intensas atitudes, como homem, como político, como administrador e homem da literatura*”, “*Poeta Ronaldo: Presente! Presente! Sempre!*”.

Historiadores profissionais usam com frequência o termo “mito” para designar “uma história não verdadeira” (e contraste com a história que eles mesmos criam, tal como as veem). O que me importa aqui, contudo, não é o Luís “real” em contraposição ao mítico. Ao contrário, o que me interessa é precisamente a realidade do mito, isso é, os efeitos sobre o mundo interno aos os meios de comunicação – sobre estrangeiros, sobre súditos de Luís e igualmente sobre o próprio rei. (BURKE, 2009, p.18).

A morte e da “festa do morto”, e a sua espetacularização/monumentalização ajudam no afloramento de sentimentos, palavras e imagens que elaboram, ressignificam, legitimam, consagram aquele ator político um ser diferente, uma figura espectral e duradoura na vida social, cultural e política dos paraibanos, de ontem, hoje e, talvez, de amanhã.

Sendo assim a morte e a festa do referido ator político, configuram-se na produção de espetáculo do “eu”, onde todos os sentimentos sobre o corpo sem vida se afloram, resinificam, se moldam criando até mesmo uma “nova” figura, uma nova face, apagando suas marcas negativas e imprimindo aquilo que melhor lhe convém, que melhor lhe apresenta, fabricando assim a espetacularização do morto. Compreendemos assim que a política se constitui numa dimensão que atravessa e molda a vida individual e coletiva de toda sociedade. Ela é ao mesmo tempo, externa e interna ao corpo dos indivíduos, sendo algo que (in) voluntariamente os arrastam, provando-os e interpelando-os de tal forma que não conseguem manter-se indiferentes ou neutros.

### Referencias

ADILSON FILHO, José. **A cidade Atravessada**. Velhos e Novos cenários na política belojardinese. Recife: Comunigraf, 2009.

ARIÈR, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AIRES, José Luciano de Queiroz. **A Fabricação do Mito de João Pessoa: Batalhas de Memórias na Paraíba (1930-1945)**. Campina Grande, EDUFCEG, 2013.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BURKE, Peter. **A Fabricação de Luís XIV**. A construção pública da imagem de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1224.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Produção da Crença; contribuições para a economia dos bens simbólicos**. 3. Ed. Porto Alegre-RS: Zouk, 2014.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1982.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987

KOSSOY, Borris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos sonhos**. A invenção do sonho LIMA, Ronaldo Cunha. **Roteiro Sentimental: fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande**. João Pessoa: GRAFSET, 2001.

\_\_\_\_\_. **Eu nas entrelinhas: extratos e retratos de minha vida**. João Pessoa: Forma Editorial/ Gráfica GB, 2004.no espaço urbano. Campina Grande: Edufcg, 2008.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Da resistência ao poder, O PMDB na Paraíba (1965/1999)**. Campina Grande: UEPB, 2010.MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura políticas pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Culturas Políticas na História: Novos estudos**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.



PRIORE, Mary Del. Fazer História, interrogar as fontes documentais e fundar a memória. In APOLÍNARIO, Jaciene Ricarte . **Paisagem Híbridas: Fontes e escrituras da História**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SILVA. Iolanda Barbosa da. **A Construção espetacular de Ronaldo José da Cunha Lima**. 2009. 219 f. Tese (Doutoramento em Sociólogo). Programa de pós-graduação em sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.

\_\_\_\_\_. **Narrativas performáticas da política espetáculo: O caso de Ronaldo Cunha Lima**. In: Encontro de comunicação e mídia- ECOM. CESREI, Faculdade. 2011.

SYLVESTRE, Josué. **Meio século de vida pública sem mandato ou com? – Fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba- v.1 (1950-2000)**. Campina Grande: Latus, 2013.

## Fontes

### Sites:

<http://portalcorreio.uol.com.br/politica/politica/poder/2012/07>. Acesso em 15 novembro 2013.

<http://cgretalhos.blogspot.com.br>. Acesso em 15 de novembro de 2013.

### Vídeo:

<http://www.youtube.com/watch?v=0SDBIAO-sPk>. Acesso em 29 de Março de 2014.

### Fotos:

Figura 1- <http://expressopb.com/2012/07/aliados-e-adversarios-dao-o-ultimo-adeus-a-ronaldo/>  
Acesso em 15 novembro de 2013.

Figura 2 e 3— G1GLOBO.COM, 2007. Acesso 15 novembro de 2013.

### Periódicos (Jornal)

A UNIÃO; Maio, junho e julho de 1986. Maio e Junho de 1987. Junho e Julho 1991. Setembro e novembro de 1993.